

Abertura do simpósio sobre “A Transferência”

Taciana de Melo Mafra

Boa tarde!

É uma satisfação enorme tê-los aqui para discutirmos um tema tão precioso.

Estamos há 100 anos do marco inaugural da fundação da Psicanálise, com a publicação de *A Interpretação dos Sonhos* em 1900.

Essa publicação, que precisou de mais de uma década para conquistar os primeiros reconhecimentos, produziu uma revolução na história do pensamento humano. Sua afirmação do Inconsciente é uma revelação que fez ressurgir inúmeros voleios feitos anteriormente na direção dessa descoberta. O próprio Freud nos mostra como, desde sempre, existiu velada na cultura um saber do Inconsciente. Desta forma, vai buscar nos gregos uma metáfora magnífica desses sinais.

Com *A Interpretação dos Sonhos* surge o primeiro mito freudiano para dar conta de sua questão nuclear: o que é um pai?

Assim depois do mito de *Édipo* constrói *Totem e Tabu* e, por fim, *O Moisés e o monoteísmo*. Com isso estava posta a questão que derivaria desses três mitos, um ato comum que era determinante da função do protagonista: legislar.

É essa ação, essa potência, que instala “Um” na posição do Pai.

O pai idealizado no desamparo do filho é capaz de tudo: de todo o Bem como de todo o mal. Como, então, um filho haverá de se ver diante de uma tal potência e o que a constitui?

Questões imbricadas. Mais ainda se pensarmos que foram formuladas e desbravadas por um judeu que aos três anos de idade, por ocasião de um êxodo familiar provocado pela falência paterna, desenvolve uma fobia de trem.

Os cem anos de *A Interpretação dos sonhos* convoca-nos de maneira especial a pensar n’ a Transferência.

Durante décadas a atipia do que tornou Freud um analista faz ecoar a idéia de uma tal auto-análise.

Essa idéia colocava-nos imediatamente diante de um paradoxo, pois sustentava que sua possibilidade devia-se à transferência de Freud a seu amigo Fliess.

Ora, é bem verdade que foi necessária toda uma operação transferencial estabelecida na relação com Fliess para que tenha sido possível a Freud afortunar-nos com *A Interpretação dos sonhos*.

No entanto, é patente que nessa relação a via do endereçamento prescinde da fala; é numa correspondência que se dá o circuito, Freud nunca esperou nem obteve de Fliess uma análise de seus sonhos e, além do mais, foi o amigo quem pôs fim à relação.

Isso faz estremecer os princípios de uma análise.

A idealização que Freud fez de Fliess o coloca numa posição muito especial, como nos faz ver a passagem que se segue, escrita no fervor de sua correspondência: “Gente de sua natureza não deve acabar, meu querido amigo, o restante de nós precisa demais de pessoas como você. Quantas coisas lhe devo: consolo, compreensão, estímulo em minha solidão, o sentido de minha vida, que adquiri por seu intermédio e, por fim, até mesmo a saúde, que ninguém mais poderia ter-me restituído” (1896)

A passagem de Freud à posição de analista tem dessa relação marcas indeléveis, mas é preciso notar que o lugar ocupado por Fliess na análise de Freud é o de suposto saber, tal como o é em outra medida o de Breuer e de suas primeiras pacientes.

Vejam bem que o que quero sublinhar aqui, no começo desse nosso encontro: é a análise de Freud destituindo essa caricatura dada a mal-entendidos de uma tal auto-análise.

O próprio Freud escreve sobre isso: “Uma verdadeira auto-análise é realmente impossível, senão não haveria mais doença”.

O que Freud chamava de SELBSTANALYSE é o que admite transcorrer enquanto escrevia *A Interpretação dos Sonhos*.

Nesse tempo houvera dado início a sua clínica e essencialmente faz a contundente revelação de que o sonho é uma escrita.

Erick Porge nos aponta com destreza que “essa publicação é o marco do tornar-se analista de Freud na medida em que ela fixa seu desejo de analista numa relação com a ciência. Publicando *A Interpretação dos Sonhos*, Freud entrega sua alma à ciência e propõe-se como objeto da transferência para gerações de analistas, como propunha em sonho o seu corpo para a dissecação anatômica”.

Tomado como o ideal de Freud, Fliess delira e confere a Freud que fascinado desconhece durante anos o delírio, a possibilidade de escrever *A interpretação dos sonhos*.

A megalomania de Fliess erige-o diante de Freud sustentando, de algum modo, a transferência.

A correspondência dos dois homens iniciou-se em 1887, e em 1900, ano da publicação do “livro dos sonhos”, a relação anuncia sua morte. A partir desse ano se espaçam os contatos, que se encerram em 1904 com a acusação de plágio.

A história da Transferência de Freud é a história da construção da obra psicanalítica que se produz num discurso endereçado a Fliess.

Lacan diz, em sua proposição de 9 de outubro de 1967, que entre analista e analisante o sujeito suposto saber é um componente ternário.

Pois bem, ele acentua que o lugar de Fliess, componente ternário da transferência de Freud está longe de ser o de propiciar uma auto-análise, já que a invenção freudiana como efeito dessa transferência foi transmitida a outros, a nós analistas, e por isso mesmo não é da ordem do que é auto.

Portanto, está aí num só-depois a curiosa e estonteante transferência: desde os primórdios dessa prática que começa o terceiro milênio com um século de afirmações.

Vamos discuti-la durante esses três dias que reservamos para isso, prestando uma homenagem a Freud e dando conta de nossa clínica diante de sua alteridade, assim como da de Lacan, herdeiro fiel e rigoroso de sua letra e instrumentador da Psicanálise para seu desdobramento no tempo.

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram para nosso Simpósio, de maneira especial a nossos patrocinadores e a todos que aqui vieram trabalhar, acolhendo nosso convite.

Começemos por Oscar Cesarotto, analista de São Paulo e autor de vários títulos da literatura psicanalítica, entre os quais ele nos falará sobre “Cérebro e Transferência”.